

## ***A história das crianças que plantaram um rio: uma proposta de letramento literário para o 6º ano do ensino fundamental II***

### ***The story of the children who planted a river: a proposal of literary literacy for the 6th grade of elementary school***

**Helia Isabel Alves da Costa Mello<sup>1</sup>**

**Iza Reis Gomes<sup>2</sup>**

**Resumo:** Esta pesquisa apresenta uma proposta de letramento literário numa perspectiva didática, a partir da sequência básica de Rildo Cosson com a obra literária *A história das crianças que plantaram um rio*, do escritor Daniel da Rocha Leite. A educação atual passa por desafios e há uma gama de fatores que devem ser levados em consideração para alcançar os objetivos e anseios dos educadores, discentes e da sociedade em geral quanto ao que se espera do cidadão enquanto leitor. Nesse cenário, a literatura na escola tornou-se uma ferramenta de interpretação e resgate cultural, desenvolvendo em cada leitor um pertencimento ao mundo criado e apresentado pela leitura literária. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, o aluno tem que ser capaz de produzir e expressar suas ideias, interpretando diversas linguagens para se tornar um cidadão crítico capaz de construir seu próprio conhecimento. Baseando-se nessa premissa, este artigo busca contribuir com o conhecimento sobre leitura e letramento na prática escolar, utilizando a sequência básica com as seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Metodologicamente, com os basilares da pesquisa bibliográfica e analítica, pretende-se sugerir o processo de letramento proposto por Cosson relacionando a obra e suas características textuais, provocando ao longo do processo de letramento, aqui exposto, o conhecimento social e cultural que possam aprimorar os aspectos interpretativos. Assim, pretendemos salientar a valorização da cultura ribeirinha em diferentes aspectos, ampliando a compreensão de mundo dentro do universo infantil, fazendo com que a Literatura seja uma ferramenta de construção cultural e de conhecimento. A presente proposta didática proporciona a formação do leitor literário e seu enriquecimento de mundo.

**Palavras-chave:** Letramento literário; Leitura literária; Sequência básica; Literatura.

**Abstract:** This research presents a proposal of literary literacy in a didactic perspective, from the basic sequence of Rildo Cosson with the literary work *The story of children who planted a river* by the writer Daniel da Rocha Leite. Faced with the challenges of current education and the range of factors that must be taken into account to achieve the goals and desires of educators, students and society in general regarding what is expected of the citizen as a reader. In this scenario, literature at school has become a tool of interpretation and cultural rescue, developing in each reader a belonging to the world created and presented by literary reading. According to the National Curricular Parameters, students must be able to produce and express their ideas by interpreting different languages in order to become a critical citizen capable of building their own knowledge. Based on this premise, this article seeks to contribute to knowledge about reading and literacy in school practice, using the basic sequence with the following steps: motivation, introduction, reading and interpretation. Methodologically, with the

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura; E-mail: heliamello0182@gmail.com Orcid <https://orcid.org/0009-0002-6168-7849>

<sup>2</sup> Pós-doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC – Bolsista PDPG CAPES/BRASIL; Professora do Instituto Federal de Rondônia – IFRO; E-mail: iza.gomes@ufac.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8668-1692>

foundations of bibliographic and analytical research, it is intended to suggest the literacy process proposed by Cosson relating the work and its textual characteristics, provoking, throughout the literacy process, exposed here, the social and cultural knowledge that can improve the interpretive aspects. Thus, we intend to emphasize the appreciation of riverside culture in different aspects, expanding the understanding of the world within the children's universe, making Literature a tool for cultural construction and knowledge. The present didactic proposal provides the formation of the literary reader and its enrichment of the world.

**Keywords:** Literary literacy; Literary reading; Basic sequence; Literature.

## 1 A literatura na escola como compreensão do mundo

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas (COSSON, 2009, p. 17).

A literatura é capaz de ampliar a visão de mundo do leitor e transportá-lo a um universo cheio de sentido, expressão, libertação, conhecimento, tornando-o capaz de abarcar a visão de mundo do outro que lhe é apresentada nas disposições da palavra literária. Também acusamos a literatura de possuir um poder transformador e humanizador já defendido por Candido (2004, p. 175): “[...] deste modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no consciente”.

Ao colocar a literatura como indispensável para a humanização e como a confirmação da humanidade do próprio homem, podemos constatar que são imensuráveis os efeitos positivos da leitura literária no ambiente escolar. Considerando os impasses de professores com a prática da leitura literária em sala de aula, de forma efetiva e estimulante, o presente artigo é apresentado como uma forma de orientar os professores a envolverem seus alunos na leitura literária, despertando o interesse deles. Também não podemos esquecer que a leitura é algo que deve ser estimulada desde a educação infantil. A partir disso, propõe-se no presente artigo uma proposta de sequência didática para o 6º ano do ensino fundamental II, com intuito de valorizar a literatura na escola e promover a formação do leitor literário, assim como auxiliar os professores neste processo árduo de despertar no aluno o gosto pela leitura e, a partir disso, desenvolver as habilidades de leitura e compreensão textual, através da análise das características textuais.

A proposta didática utilizará a obra *A história das crianças que plantaram um rio* (2013), de Daniel da Rocha Leite, tendo como base a sequência básica de Rildo Cosson (2009). O artigo abordará sobre a importância do letramento literário e da literatura infantil no processo de ensino e aprendizagem, analisará a obra trabalhada e proporá uma sequência didática para aplicação em turmas do 6º ano, objetivando o letramento literário e a construção social e cultural.

A metodologia utilizada é a abordagem qualitativa, pois analisa de forma teórica o processo do letramento literário e a sequência básica, sendo o projeto de pesquisa exploratória, pois visa a construção de pressupostos a partir do letramento literário e a formação leitora, sendo desenvolvida através de uma pesquisa bibliográfica realizada de forma seletiva e analítica tendo como procedimento o estudo do letramento literário e sua sugestão de aplicação no contexto escolar.

## **2 A história das crianças que plantaram um rio – a imaginação como um repertório criativo para os leitores**

O livro de literatura infantojuvenil *A história das crianças que plantaram um rio* (2013), do escritor paraense Daniel da Rocha Leite, mostra um misto de realidade, sonho e imaginação, que descreve a cultura ribeirinha amazônica, destacando a sua paisagem, as crenças e os costumes. Apresenta um mundo infantil repleto de imaginação e brincadeiras comuns às crianças. E essa infância é tão marcante que leva o narrador, já adulto, transportar-se para o passado e relembrar histórias vividas e imaginadas.

A narrativa rememorada pelo narrador adulto nos traz a história protagonizada por um menino ribeirinho, que mora com sua família às margens do rio. A família é composta e assim identificada por seis filhos, mãe, pai, avó, por quem o personagem principal tem grande apreço, também sendo a responsável por discorrer o desfecho da história, e o rio, que é personificado e considerado parte integrante da família, que fortifica o ar de mistério do enredo e a construção da imagem amazônica.

Também é possível observar a exposição da relação existente entre o ribeirinho e o rio, vemos uma dependência do homem amazônico mediante o poder imposto pelas águas, que modifica e constrói seu cotidiano. Como descrito de forma poética e significativa por Loureiro (2015, p. 115):

O próprio homem da terra, ao penetrar no emaranhado dos rios – que se interligam, se estreitam, se alargam, mudam de cores e profundidades, exibem e escondem perigos – desse mundo que parece não ter fim, se dá conta do real enquanto uma vaga forma de imensidão que se confunde com o imaginal.

O viver amazônico é realçado com a presença do rio sendo exposto como símbolo dessa região, no qual o ribeirão desnuda um novo mundo cheio de aventuras e representação que compõe a realidade amazônica. O rio é apresentado de maneira significativa no desenrolar da narrativa, na construção do espaço textual e nas representações ilustrativas. Segundo Batista (2021, p. 174):

O estudo da obra possibilita analisar a relação identitária que se instauram entre o rio e os personagens na tessitura narrativa. Por meio de seus enunciados verbal e visual, a obra cria a possibilidade de o leitor interagir com o texto e com as imagens e, nesse diálogo, construir novos sentidos. A subjetividade do enredo envolve a constituição do espaço representado por elementos que traduzem a relação entre o fluvial e o humano possibilitando assim, suscitar todo um imaginário coletivo construído em torno do rio.

O rio é, portanto, elemento fundamental para inserir o leitor no ambiente amazônico. Onde o drama e a poeticidade da obra demonstram a relação de sentidos históricos, culturais e pessoais, que são construídos entre o protagonista e as representações do rio.

O rio é projetado como um elo de conexão familiar e cronológico influenciando na vivência, nos sentimentos e na convivência entre os personagens. Ele é quem aponta os períodos de trabalho e marca estações, como nos pontua Leite (2013, p. 20):

Tempo se cumpria, estio chegava, o rio emagrecia. Marés de quebra, lua mofina, rio miúdo. Águas paradas, tempo de tarrafas e tarefas. Tempo tempo, água de rio. Velho tempo novo. Vinha a vida, vinham as águas mais uma vez. O rio era sempre o nosso relógio de águas.

O rio ditava o processo de interação entre os vizinhos, modificando a relação e seus sentimentos como vemos neste trecho de Leite (2013, p. 23):

Águas Grandes eram o tempo do nosso mundo, meninos e meninas correndo pelo trapiche inundado. “Tempo de gente só”, dizia a minha mãe; “tempo de solidão”, repetia minha avó, enquanto o meu pai conferia a altura do rio chegando.

Também é possível perceber uma valorização da relação parental entre avó e neto, que potencializa a figura da idosa como sábia, detentora de conhecimento e de ensinamentos, que

guiam as imaginações e sonhos infantis, perpassando a idade adulta e vivendo na memória e nas lembranças de seu neto adulto e saudoso, conforme Leite (2013, p. 51): “[...] ouvir o rio, os seus silêncios, as suas palavras. Assim a minha avó me ensinou a viver uma história”. O rio é personificado e apresentado como um elemento carregado de sabedoria, vivências e experiências que são compartilhadas com os ribeirinhos. Pode-se observar isso neste trecho de Leite (2013, p. 52): “[...] o rio conta as histórias dele pra gente, por onde ele andou, as suas lutas e esperanças, os seus encontros, as suas tristezas e felicidades, o seu mundo-mundo de rio”.

A poeticidade da obra torna-se mais marcante quando se descreve a relação entre o menino e o rio. O ambiente amazônico apresentado constrói o processo identitário do menino, pois sua infância se consolida diante do rio. Os sonhos e as memórias do menino ribeirinho e do adulto saudoso têm origem no rio, ou seja, seu conhecimento de mundo vem a partir da relação dele com o rio e do que aprende em cada fase de sua vida ribeirinha. A vivência foi tão intensa e marcante que perpassa a vida adulta, mesmo ele nesta fase estando distante do ambiente ribeirinho, ainda consegue transportar a sua infância de forma imaginativa, como narra Leite (2013, p. 57):

Mais de quarenta anos depois, até hoje e para sempre, tento aprender o silêncio das palavras do rio. Continuo menino, minha avó. Sigo tentando ouvir o silêncio que navega nas águas do rio. Estou aprendendo a conversar com ele, vó.

A história marca seu clímax com a unificação entre as águas da chuva e do rio que se unem e concretizam o nascimento do rio morto, sendo no contexto comparado ao ato da plantação, atividade também ribeirinha.

A narrativa encerra com um suspense em forma de indagação sobre onde estariam as crianças que plantaram o rio, buscando mostrar a esperança do rio e da vida, aguçando o imaginário do leitor com a presença do mito.

## **2.1 As ilustrações e a imaginação – um diálogo possível**

A obra *A história das crianças que plantaram um rio* (2013), de Daniel da Rocha Leite, foi elaborada de forma poética, com uma linguagem verbal simples, porém profunda, que estimula o imaginário do leitor sendo potencializada pelas ilustrações presentes. Na obra coexistem a escrita e a imagem fortalecendo a estética e o exercício imaginante, por meio dos

quais, de forma concomitante, se decifra a linguagem verbal e não verbal para a construção dos sentidos.

Trata-se, portanto, de um livro ilustrado como define Linden (2018, p. 24): “[...] obras em que a imagem é espacialmente preponderante em relação ao texto [...]. A narrativa se faz de maneira articulada entre textos e imagens”. Como resultado dessa articulação, há uma complementação entre ambas as linguagens, sendo necessária uma leitura atenciosa, intuitiva e imaginativa para uma adequada compreensão da história e de seus objetivos, conforme afirma Linden (2018, p. 8): “[...] apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado”. O entrelace textual e ilustrativo, além de compactuar para a expressividade da obra, conjectura ao leitor uma dimensão de construções mentais que proporcionam sonhos, desejos, fantasias e lembranças que o levam a um mundo dissemelhante ao seu, estimulando a sugestividade e dinamizando o imaginário.

O enredo é encantador e altamente cultural, pois ressalta a beleza da Amazônia e exalta a cultura ribeirinha. Daí sua importante contribuição para a propagação e valorização da Literatura produzida na/da Amazônia, como enfatiza Loureiro (2015, p. 78): “[...]a cultura do mundo rural de predominância ribeirinha constitui-se na expansão aceita como a mais representativa da cultura amazônica”. Isso fortalece ainda mais a proposta de sequência didática deste artigo, diante da pouca visibilidade de textos produzidos na/da Amazônia no ambiente escolar.

Há uma predominância de elementos do espaço amazônico em todo enredo, assim como a inserção de um contexto lendário, próprio da região, que causa fascínio e desvenda o imaginário próprio dessa cultura. Segundo Loureiro (2015, p. 78), “[...] ela [a cultura] reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural.” Assim, resulta-se na reflexão dos componentes constitutivos desta natureza, ao retratar a imagem das matas, a abundância dos rios, a beleza simplória do homem ribeirinho e seu efetivo contato com a natureza, que é próprio da Amazônia, como apontado por Loureiro (2015, p. 79): “[...] a cultura amazônica, em que predomina a motivação de origem rural-ribeirinha, é aquela na qual melhor se expressam, mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos [...].

Estes aspectos constituem a vastidão amazônica e inspiram dando poeticidade à Literatura para construção de uma percepção significativa desse cenário encantador e natural.

Também é notória em cada ilustração o deslumbramento da região amazônica. Como na ilustração a seguir, conforme Figura 1, observa-se a incorporação expressiva da relação que se torna intrínseca naquele que compartilha a existência neste ambiente singular e natural.

Figura 1: O enlace dos sonhos amazônicos.



Fonte: LEITE, 2013, p. 32-33.

É possível denotar uma ocorrência de uma convergência entre a paisagem e o seu habitante, não só de forma cotidiana, mas sendo enraizada em seu imaginário como uma multiplicidade de vida na imensidão amazônica, desnudando o encantamento desta cultura, como retrata Loureiro (2015, p. 110):

O estudo do universo mitológico produzido pela realidade imaginária, o universo dos encantamentos dos rios e das matas, tem sido um dos ângulos mais fecundos para relacionar, compreender e explicar, na Amazônia, a relação dos homens entre si e com a natureza. Região de silêncios, recortada pela emaranhada variedade dos rios na paisagem verde da floresta, a Amazônia torna-se um fertilíssimo campo de germinação para as produções do imaginário do homem, na fruição, no compartilhamento, na intervenção ou na explicação simbólica de sua realidade.

O menino sonhando com o rio é um universo do imaginário fecundo nessa relação do homem com a natureza. O ambiente amazônico compeli ao devaneio, à fabulação estética de um mundo imaginativo e envolvente, repleto de curiosidades permanentes, que são potencializados pela contemplação da beleza predominante que provocam a sensibilidade.

### **3 A importância do letramento literário no ambiente escolar**

O conceito de letramento literário encontra diversas interpretações. Segundo Soares (2000), envolve variadas práticas sociais de leitura e escrita, já para Cosson (2009) reúne

diversas características que se fundamentam em promover o contato do aluno com o livro, compartilhar diversos textos e leitura em uma comunidade de leitores, além de estimular a ampliação do repertório de leitura e propiciar atividades de continuidade para o desenvolvimento da formação literária. Portanto, o letramento literário abrange um processo sequenciado de práticas relacionadas com o texto literário e suas características que envolvem formas de interpretação, estilos, sujeitos a diferentes análises e pontos de vista que podem transformá-lo em outras formas de fontes de produção e apreensão do conhecimento.

A prática da leitura literária na escola se torna, portanto, fundamental e precisa ser introduzida desde muito cedo, pois ela auxilia na construção crítica social e pessoal, como destaca Abramovich (1997, p. 143): “[...] ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar”. A escola precisa ser um ambiente que forme leitores capazes de absorver os diferentes sentidos que a experiência literária pode manifestar. Para tanto, a atividade leitora precisa avançar além do currículo e se efetivar dentro e fora da sala de aula, enriquecendo mentes e fortalecendo opiniões, como cita Abramovich (1997, p. 148):

Me parece que a preocupação básica seria formar leitores porosos, inquietos, críticos, perspicazes, capazes de receber tudo o que uma boa história traz, ou que saibam por que não usufruíram aquele conto... Literatura é arte, literatura é prazer... Que a escola encampe esse lado. É apreciar – e isso inclui criticar.

A leitura literária é essencial para a ampliação da visão de mundo, portanto, é imprescindível que o ambiente escolar possibilite o contato, a vivência e o encantamento pela literatura. Abramovich (1997, p. 7) nos mostra que “ler não é apenas uma ‘atividade escolar’ a mais, mecânica e descontextualizada, mas uma atividade vital, que precisa ser, desde cedo, plena de significação”. Dessa forma, a leitura precisa se relacionar com o cotidiano e interesse do aluno leitor, ser contextualizada para que ela se torne significativa e prazerosa.

A literatura infantil é um dos recursos para o fortalecimento e efetivação da leitura no ambiente escolar desde os anos iniciais, pois através dela a criança tem seu mundo ampliado, multiplica sua capacidade verbal, dialogal, através do universo de conhecimento cultural, social, que esta literatura pode trazer. Nesse sentido, Oliveira (2021, p. 18) afirma que: Nessas trocas verbais, o leitor conhece outras pessoas, lugares e até mesmo tempos. Saem de seu mundinho para explorar outros e neste processo se tornam mais abertos para o diálogo e a compreensão do diferente.

A literatura literária, portanto, propicia a construção da identidade da criança, aguça seu imaginário, contribuindo para processos de indagações pertinentes a sua atuação e comportamento em sociedade. Nessa perspectiva, Candido (2004, p. 179) destaca: “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Sendo assim, a literatura é um processo de diálogo entre leitor e autor, que contempla ao leitor reconhecer ao longo desse processo as ideias, opiniões e intentos do autor. É uma troca de mundos e de significação.

### **3.1. Uma proposta de sequência básica: a imaginação como repertório de criação e apropriação literária**

Sabendo da importância da leitura literária para a construção cognitiva e relacional no processo de desenvolvimento e aprendizado da criança e adolescente, e partindo da afirmativa de Cosson (2009, p. 20) de que “[...] a leitura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”, fazem-se necessárias estratégias metodológicas e didáticas direcionadas para o letramento literário. Por isso, buscando auxiliar o professor neste planejamento e prática pedagógica, apresentamos uma proposta didática com experiência literária, a partir da sequência básica de letramento, de Rildo Cosson, uma possível aplicação para turmas de 6º ano do Ensino Fundamental II, tendo como base a obra infantojuvenil *A história das crianças que plantaram um rio*, de Daniel da Rocha Leite.

Acreditamos que ao trazermos essa obra para a sala de aula, por meio do letramento literário, contribuiremos para o trabalho com a literatura, para a formação do leitor literário e de sua constituição humana, acarretando um enriquecimento cultural, uma construção de valorização e conhecimento da vivência amazônica, uma troca de experiências que será ampliada com o uso da intertextualidade, gerando uma dinâmica de apreciação da contação de histórias, seja de mitos, lendas ou fatos regionais por familiares, sensibilizando o relacionamento doméstico, como nos afirma Cosson (2009, p. 29): “[...] ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos”.

A presente proposta visa ampliar o universo da leitura literária para o ambiente externo à escola alcançando os familiares e a comunidade local, que é um dos princípios do

letramento literário, que aponta que a leitura não é um ato solitário, mas que “[...] ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e espaço” (COSSON, 2009, p. 47). Ademais, há a necessidade de levar a leitura literária para além da sala de aula, a fim de que haja uma composição de sentidos entre mundos distintos para a constituição de um leitor crítico e reflexivo.

Trabalhar a leitura literária em sala de aula, especificamente, com alunos da educação básica do 6º ano, requer uma análise do perfil e do interesse desse público para que a prática literária ocorra de forma efetiva. Por isso, foi selecionada a literatura infantojuvenil *A história das crianças que plantaram um rio* (2013), de Daniel da Rocha Leite. A obra foi elaborada com as palavras sonhadas e escritas de Daniel da Rocha Leite e com as imagens sonhadas e ilustradas de Maciste Costa, como assim descrito na capa inicial do livro, sendo recheada de encanto e imaginação. Foi publicada em 2013 pela Coleção Livro Lamparina, sendo dedicado a Adielson, menino de Soure, Ilha de Marajó no Pará. No enredo, ocorre a contação da história de um menino ribeirinho, sem nome, que conta de sua aventura na infância, descrevendo sua relação afetuosa com o rio e de todo encantamento vivido em suas margens que o narrador personagem guarda latente em sua memória de adulto. O espaço descrito é o ambiente natural e ribeirinho impregnado de liberdade e descobertas, com a valorização do rio como elemento personificado e identitário. As ilustrações que são apresentadas entrelaçam o leitor ao texto escrito, alargando o processo imaginativo e estimulando a construção de diferentes sentidos e sensações. Isso permite ao leitor compreender de forma clara e concisa o que o autor comunica, além de possibilitar a ampliação de mundo perpassando o texto.

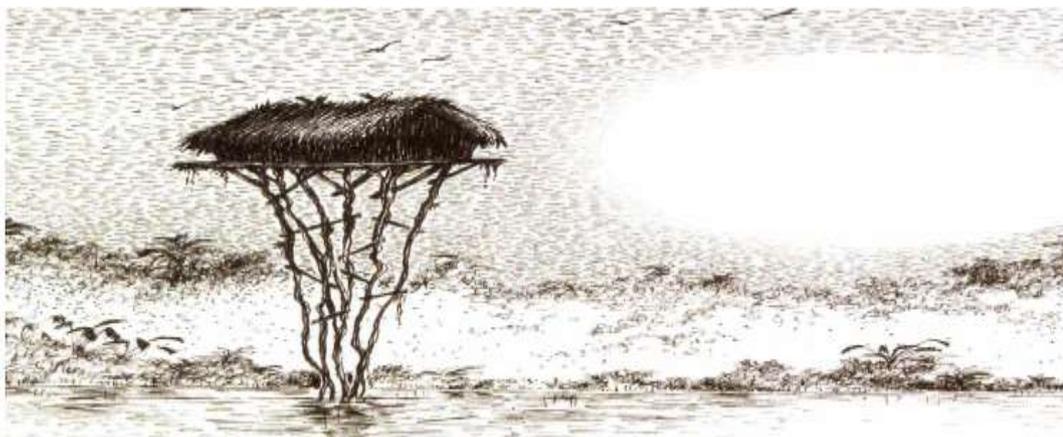
A didática elaborada tem como base a teoria do letramento literário combinada com a sequência básica de Rildo Cosson, que é composta pelas seguintes etapas: motivação, introdução, leitura e interpretação. A abordagem será iniciada com a perspectiva da motivação, como nos orienta Cosson (2009, p. 54):

Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.

Então, a motivação é essencial para implementar o contato e o desejo de conhecer uma obra literária, e dela depende o sucesso do processo de leitura, portanto, faz-se necessária uma abordagem atrativa e dinâmica.

A partir disso, objetivando que o alunado se sinta interessado a ter um contato exploratório com a obra, iniciaremos a proposta da **motivação**, que deverá ser trabalhada em 01 (uma) aula, em que será apresentada aos alunos a sétima página do livro (Figura 2), que é composta por uma ilustração de uma palafita, com representação de um rio, uma mata ao fundo, com pássaros a voar e a representação do sol. A partir desses detalhes, podemos fazer as seguintes indagações: o que eles observam nas imagens? Que ambiente é representado? Como será residir na moradia representada? Que sons são transmitidos naquele ambiente? Como as pessoas desta ilustração se locomovem e convivem? Espera-se que as respostas possam vir recheadas do imaginário infantil, refletindo a visão de mundo que eles possuem inicialmente sobre o ambiente ribeirinho.

Figura 2: Casa do rio.



Fonte: LEITE, 2013, p. 7.

Dando continuidade à motivação, o professor pode apresentar imagens do rio Xingu (Figura 3) e Amazonas (Figura 4), fazendo uma associação com a ilustração, salientando a semelhança entre ambos os rios e o ambiente comum exposto. Sugerimos as seguintes imagens:

Figura 3: Foto aérea do rio Xingu.



Fonte: [https://desinformemonos.org/16212-2/5694633838\\_964ed58726\\_o/](https://desinformemonos.org/16212-2/5694633838_964ed58726_o/)

Figura 4: Foto aérea do rio Amazonas.



Fonte: <https://www.suapesquisa.com/geografia/rioamazonas.htm>

Logo após, deve ser realizada a leitura compartilhada do texto “Lenda dos rios Xingu e Amazonas”<sup>3</sup>, disponível no portal da Amazônia, gerando uma conversa sobre o enredo apresentado e indagando se conhecem alguma lenda para compartilhar, sendo em seguida solicitado, que realizem uma pesquisa junto aos familiares mais idosos sobre mitos, lendas, crendices, acontecimentos e fatos relativos ao rio de sua localidade, podendo o resultado da pesquisa ser exposto em sala de aula, por meio de texto não verbal, para serem apresentados em forma de roda de conversa, em aula posterior. A primeira aula será então finalizada com a produção de uma ilustração a partir da lenda que foi trabalhada em sala.

A segunda parte da proposta baseia-se na **introdução**, que é a apresentação do autor e da obra (COSSON, 2009). Para tanto, inicia-se com a apresentação da obra a ser lida: numa roda de conversa em que o livro físico deve ser apresentado à turma para que observem a capa e seus detalhes, fazendo a descrição do que visualizam. O livro deve ser folheado pelos alunos para um primeiro contato e para uma possível comparação com as imagens e desenhos da pesquisa extraclasse, da aula anterior, sobre as lendas do rio local, indagando aos alunos o que eles conseguem associar ao nome do livro, que história eles imaginam que o livro conta, fazendo uma associação entre o título e as imagens observadas. Em seguida, deve ser questionado aos alunos se conhecem o autor do texto e apresentar as páginas finais do livro

<sup>3</sup> Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia-az/letra-l/lenda-dos-rios-xingu-e-amazonas>. Acesso em 11 maio 2022.

que trazem informações sobre o autor e ilustrador para terem esse contato com a imagem ali estampada fazendo um reconhecimento. Também deve ser trabalhado o prólogo, que foi escrito por Paulo Nunes, que enfatiza a beleza da obra e a dedicação do autor e ilustrador, e a dedicatória para fortalecer o gosto pela leitura e seu encantamento, efetivando a introdução da obra.

Para a terceira parte da proposta, será trabalhada a **leitura** da obra. Nessa fase, o aluno deve ser acompanhado pelo professor e ter sua leitura verificada para a real efetivação, assim como afirma Cosson (2009, p. 62):

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. Esse acompanhamento, portanto, deve ser para suporte, orientação, auxílio na compreensão do texto, manutenção do ritmo e sequência da leitura para validar a proposta.

O processo de leitura será trabalhado da seguinte forma: os alunos terão uma semana para realizarem a leitura da obra, sendo a leitura conferida em duas aulas no decorrer da semana. Na 1ª aula de acompanhamento, serão apresentadas imagens em projeção com a temática da obra, que representem os personagens e o ambiente, para que os alunos possam associar e citar trechos da obra que se relacionem com as imagens. Tal procedimento possibilita detectar até onde leram a obra e se estão entendendo. Numa roda de conversa, pode-se debater sobre os ambientes e os personagens encontrados logo nas primeiras páginas, expondo a visão individualmente, descrevendo os sentimentos das personagens em páginas e trechos específicos iniciais do livro, que serão previamente selecionados.

Na 2ª aula de acompanhamento, que deve ser feita já ao final da semana do prazo de leitura, será apresentado aos alunos o poema “Ribeirinho” de O Eldoradense<sup>4</sup>, disponível no site do recanto das letras. Os alunos deverão realizar o diálogo entre a letra do poema e o enredo da obra, apontando as semelhanças e diferenças, destacando elementos culturais dos ribeirinhos. Esta atividade de intertextualidade pode ser realizada em grupo, o que facilitará a discussão e compreensão da obra.

Para a finalização da proposta aqui abordada, trabalharemos a etapa da **interpretação**, sendo fundamental para constituir uma visão intimista da obra, da realidade da vivência

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesias-de-natureza/5928840>. Acesso em: 11 maio 2022.

ribeirinha e enaltecimento da cultura e dos laços familiares. Dentro dessa dinâmica, Cosson (2009, p. 64) assegura que: “[...] a interpretação parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade”.

Portanto, nessa fase, buscamos que os alunos possam formalizar opiniões e argumentos, compreendendo a relevância da cultura amazônica, identificando que essa cultura é promovida por diferentes gêneros textuais, facilitando a produção textual sobre a temática e a criação de enredo.

A efetivação da interpretação destina-se a externalizar a experiência de leitura e ocorrerá da seguinte forma: ao final do prazo de leitura, os alunos, organizados em grupo, deverão escolher um trecho do texto verbal e outro do não verbal e expor, justificando sua escolha. Após o compartilhamento, os alunos também deverão produzir um poema, individualmente, ressaltando aspectos culturais, relacionais e míticos da obra, que serão expostos em forma de varal literário para o compartilhamento com a comunidade escolar.

Como atividade extraclasse e em grupo, deverão selecionar uma música que retrate aspectos da obra, como um personagem, ou o ambiente, ou a localidade, ou a Amazônia, e trazê-la para compartilhar com a turma em diferentes formatos, em mídia, impressa (escrita) ou cantada, justificando sua escolha e explicando sua relação entre a canção e o enredo. Temos como sugestões de possíveis escolhas, as respectivas músicas: “O Rio” de Marisa Monte<sup>5</sup>, para se referir ao personagem em fase adulta saudoso pela infância; “Espelho D’Água” de Almir Sater<sup>6</sup>, que pode descrever a visão da avó sobre o rio e a vivência ribeirinha; “Rio” de Gaby Amarantos<sup>7</sup> para descrever a relação entre o ribeirinho e o rio; “Rio Madeira” de Gioconda Trivério<sup>8</sup> para relacionar a valorização e descrição do ambiente amazônico, entre outras.

Para finalizar o processo de interpretação, será sugerida a produção, também em grupo, de uma sequência textual para responder à indagação do final do livro: “Por onde será que andam as crianças da minha avó?”. Esta produção também poderá ser exposta para a comunidade escolar para divulgação dos conhecimentos adquiridos e sensibilizando uma motivação e troca de leituras, como assevera Cosson (2009, p. 66):

<sup>5</sup> Disponível em: <https://youtu.be/UmnIgev5XOQ>. Acesso em 11 de maio 2022.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://youtu.be/FLwFfpHueuE>. Acesso em: 11 maio 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://youtu.be/wHiOozK72RA>. Acesso em: 11 maio 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://youtu.be/FH72Kb8Asbk>. Acesso em: 11 maio 2022.

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. Trata-se, pois, da construção de uma comunidade de leitores que tem nessa última etapa seu ponto mais alto.

O compartilhamento da leitura na escola fortalece a formação de uma comunidade de leitores, possibilita a inserção da coletividade, valida e torna o processo de produção ainda mais importante, pois se entende que a criação textual terá um público-alvo, uma função significativa, não será um processo aleatório.

A sugestão de interpretação se desenvolve em sua maioria em grupo e com exposição escolar, pois busca a constituição e o compartilhamento de significação e da interpretação da obra para uma comunidade de leitores, assim como nos aponta Cosson (2009, p. 65):

Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória.

Logo, esse processo fortalece a leitura, efetiva a construção de mundo registrando-a em nossa memória. A aplicação da proposta aqui detalhada oportuniza a composição da capacidade discursiva e reflexiva, tão necessária no ensino básico, sendo o letramento literário um processo considerável para o conhecimento.

### **Considerações finais**

A sequência didática, elaborada a partir da obra de Daniel da Rocha Leite *A história das crianças que plantaram um rio*, ressalta a exploração das potencialidades da obra amazônica para a promoção do letramento literário, assim como a ampliação das práticas de leituras escolares.

Faz-se necessária uma reformulação da aplicabilidade do processo de leitura e do trabalho com a Literatura para sua efetivação de forma produtiva e prazerosa, a partir de uma concepção que proporcione uma leitura literária prática, cultural e imaginativa, além da aplicabilidade curricular, que aproxime o leitor de sua realidade contribuindo para ressignificação e compartilhamento do conhecimento. As etapas da sequência buscam dinamizar o exercício do letramento, estimulando novas leituras, aprendizado e inferências,

assim como a partilha da interpretação a partir desta perspectiva. Espera-se colaborar de forma positiva com professores que busquem fomentar o universo literário no ambiente escolar de forma ativa e instigante.

A experiência literária precisa ser aprazível para ser agregada à vida, tornando-se afetiva e sendo considerável sua prática para conhecimento de mundos e de culturas, propiciando uma valorização e reconhecimento do outro, a partir de experiências e costumes distintivos aos seus, fruto de uma verdadeira experiência estética, própria da literatura.

## Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2017.

COSSON, Rildo. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário – teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

GOMES ORTIZ, Iza Reis; MOLINA, Maria de Fátima Castro de; PISSINATTI, Larissa Gotti. **Letramento literário: tessituras de experiências e escrituras da/na Amazônia**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2021.

Imagem rio Amazonas. Disponível em: [https://desinformemonos.org/16212-2/5694633838\\_964ed58726\\_o/](https://desinformemonos.org/16212-2/5694633838_964ed58726_o/) Acesso em: 11 de maio de 2022.

Imagem rio Xingu. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/geografia/rioamazonas.htm> Acesso em: 11 de maio de 2022.

LEITE, Daniel da Rocha. **A história das crianças que plantaram um rio**. Ilustrações de Maciste Costa. Belém: Ponto Press, 2013.

LEITE, DANIEL: Daniel Leite lança livro infantil inspirado na atmosfera ribeirinha. Pará, 03/12/2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/12/daniel-leite-lanca-livro-infantilinspirado-na-atmosfera-ribeirinha.html>. Acesso em: 29 jan. 2021.

LEITE, Daniel: Daniel Leite lança novo livro para público infantil. 02/12/2013. Disponível em: <http://holofotevirtual.blogspot.com/2013/12/daniel-leitelancanovo-livro-para.html> Acessado em 29 de janeiro de 2021.

Lenda dos rios Xingu e Amazonas, **REDAÇÃO** 23/09/2020 15:59 | Atualizado 23/09/2020 16:01 Disponível em: <https://portalamazonia.com/amazonia-az/letra-l/lenda-dos-rios-xingu-e-amazonas> Acesso em: 11 de maio de 2022

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: SESI-SP, 2018.

LOUREIRO, João Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 4. ed. Belém, PA: Cultura Brasil, 2015.